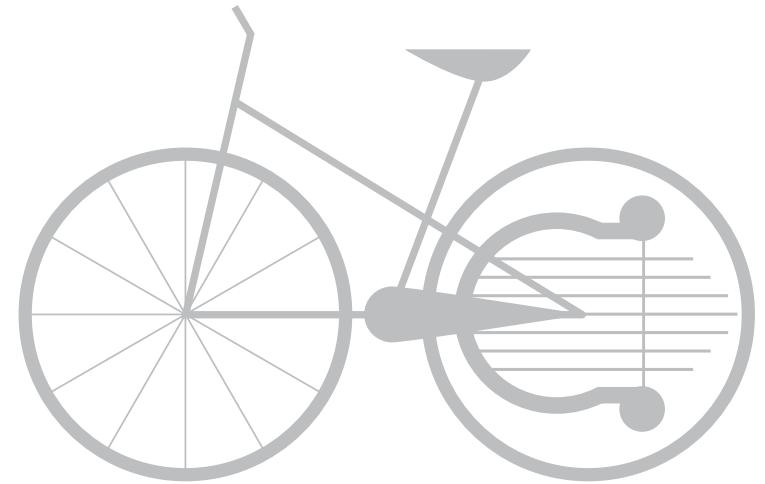




Orfeu de Bicicleta

um pai no século XXI



Francisco Bosco

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMXV

para Lourenço, Iolanda e Antonia

© 2015, Francisco Bosco
e Edições Tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28 / 29 / 30
info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Título: *Orfeu de Bicicleta:*
Um Pai no Século XXI
Autor: Francisco Bosco
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china

1.ª edição: Julho de 2015

ISBN 978-989-671-266-2
Depósito Legal n.º 393745/15

ÍNDICE

Apresentação	II
PARTE I: Gêneros em Desconstrução	15
PARTE II: Meu Nome no Amor	33
Filhos e crianças	35
Monotemáticos	37
Eu é o outro	38
Seiva	39
A vida dupla das crianças	41
Comida	42
Comédia do narcisismo	44
Galinha pintadinha	45
Se eu morresse agora	46
I'm so cool	47
Noites de insônia, cãs prematuras	48
Reclamar	50
Meu nome no amor	51
Desculpa universal	52
Babá eletrônica	52
Downgraded	54
Meu filho	54
Festa infantil	57
Birra	58
A lei antes da lei	60
Sua majestade, a criança	60

Sem jeito62
Independência63
Inesgotável65
Flash mob65
Kairós65
Cus, bis, tut, bói67
Casamento68
Dialéticas72
A matéria dos dias72
Ouro de mina73
Memória seletiva73
Meu vizinho Escobar74
Abaixo as princesas74
Descolado75
Sentimento eterno do imediato76
Babás79
Realismo retrospectivo	80
Chato por subtração81
Escala82
Polissemia82
Como os cachorros83
Alto lá84
Hegel no quarto de brinquedos84
Libido ilibada85
Ponto85
Meu nome do outro87
A filha imaginada88
Viagem	90
Viagem II91
Orfeu de bicicleta91
De graça92

O sono e o sentido	94
Os pampas dominicais	96
Relativismo97
Educar97
Comunidades imaginárias	99
Perspectivismo parental	99
Hermenêutica da ingenuidade	100
Máquina de identificação	101
Realidade selvagem	102
Por causa das crianças	104
«Criança dá trabalho»	106
A dama e o bebê	108
Terceira pessoa	110
O grande medo	111
Ó, farfalhantes falenas	112
A vida como ela é	113
Velar	115
Doenças	116
Zeitgeist	116
A pequena cocota	116
Proustiana	117
«Que saco!»	118
A criança situacionista	119
A criança alheia	121
Uma angústia sem nome	121
Paradoxo	122
Do que as crianças não gostam	123
Jardim das delícias	124
Sociedade excitada	124
«Eu te amo»	125
Autonomia	126

Transformações	127
Desfralde	129
A língua materna estrangeira	130
Iluminando caminhos	131
Se eles morressem agora	132
Notas	135
Agradecimentos	143

APRESENTAÇÃO

O mundo não se divide entre Ocidente e Oriente, religiosos e ateus, direita e esquerda, modernistas e tradicionalistas, mas entre pais de crianças pequenas e o restante da humanidade — costuma brincar um amigo, o historiador Frederico Coelho, pai de gêmeas.

Para o homem contemporâneo brasileiro de classe média que sou, o nascimento dos filhos produziu um impacto enorme em minha vida, diariamente renovado, ao menos por enquanto. A paternidade transformou tudo, da economia do meu tempo aos ritmos do meu desejo; da natureza dos meus afetos ao peso da burocracia cotidiana; da prática sexual à compreensão de minha experiência como filho (uma boa maneira de compreender seus pais é tornar-se pai). Para não falar no casamento, no custo de vida, na responsabilidade, no sono — e, *hélas*, na perda do direito à ressaca.

Este livro relata e interpreta uma experiência da paternidade em suas condicionantes de época (o mundo contemporâneo) e lugar (a cultura brasileira), atravessada por características particulares de ordem subjetiva e objetiva. Mas tratar dessa experiência me obrigou a pensar nas condições históricas que a tornam possível e nas reformulações

teóricas que ela implica. A primeira parte do livro, mais breve, dedica-se ao exame dessas questões. A segunda, que constitui propriamente seu corpo, é uma espécie de relato de viagem ao país da paternidade. No momento em que termino este livro, Iolanda está com dois anos e meio; Lourenço, com um ano e três meses. Os registros e interpretações aqui contidos dizem respeito portanto à minha vivência com as fases do *infans* (o bebê, a criança que ainda não fala) e da criança pré-ediipiana — se é que, diante das transformações indicadas neste livro, ainda tem pertinência o conceito de complexo de Édipo.

As páginas que se seguem tratam da dimensão de sacrifício trazida pelos filhos pequenos, criados no contexto atual da cultura brasileira: restrição severa da autonomia dos pais, desgaste físico, intensa complexificação do gerenciamento da vida. Consequências do que o ensaísta americano Joseph Epstein chamou de *infantocracia*¹, e que também vem sendo nomeado por estudiosos americanos como *overparenting* ou *hyperparenting*², excesso de cuidados que, contudo, são percebidos e praticados como normais tanto lá como aqui no Brasil (em contraste com o modelo francês, tal como evidenciou o *best-seller Crianças francesas não fazem manha*). Mas este livro testemunha também, e sobretudo, a dimensão de apaixonamento, harmonia e alegria que a presença dos filhos instaura na vida dos pais.

É um livro narrado por um pai, mas em um tempo em que os papéis materno e paterno vêm passando por transformações e se tornando mais parecidos (sem falar em todas as possibilidades parentais abertas para além do par heterossexual tradicional). Assim, embora seja o livro de

um pai, reflete também, acredito, a experiência de muitas mães, pais e qualquer outra pessoa que viva o amor e a responsabilidade da criação de um filho.

PARTE I
Gêneros em Desconstrução

Não se costuma duvidar da maternidade. A maternidade é um papel definido e garantido pelas representações da cultura, fundamentadas no real biológico da gestação e da amamentação. Podem pesar sobre uma mãe as idealizações e moralizações da representação da maternidade, mas não a incerteza sobre seu estatuto, sua necessidade. Ao contrário, a paternidade não é culturalmente assegurada. A paternidade é uma *questão* sobre a qual paira a suspeita acerca de sua função, de sua importância, de seu lugar. Nos primeiros meses do filho, o que faz um pai diante do chamado «laço fusional» entre o bebê e a mãe, laço amarrado pelo seio, por sua vez signo e referente da mãe?

Até décadas atrás, não havia esse problema. O papel do pai estava assegurado como provedor da família; fiador, portanto, do amor entre mãe e filho, do qual era em larga medida excluído (e se excluía), ao mesmo tempo em que o garantia. A função do pai era mantida por um lugar exterior ao núcleo familiar, o mundo do trabalho, que ele ocupava sozinho. Esse lugar, como se sabe, deixou de ser só seu. E, não sendo só seu, não pode mais garantir o sentido da paternidade nesse período inicial da vida dos filhos. Hoje, a grande maioria das mulheres trabalha. O homem perdeu,

NOTAS

- 1 EPSTEIN, Joseph. «Infantocracia». Em: *Serrote*, número 18. Instituto Moreira Salles, 2014. No original, *Kindergarchy*, trocadilho sem correspondente em português. O termo «infantocracia» foi cunhado pelo tradutor Alexandre Barbosa de Souza.
- 2 DRUCKERMAN, Pamela. *Crianças francesas não fazem manha*. Rio de Janeiro: Fontanar, 2013. p. 19.
- 3 KEHL, M.R. «O pai antes do Édipo». Em: *Viver, mente & cérebro — constituição psíquica e universo simbólico*. São Paulo: Duetto, 2.º sem., 2006.
- 4 Idem.
- 5 Com efeito, na França, de onde vêm as ideias de Jacques Lacan e Françoise Dolto, uma pesquisa de 2006 revelou que «apenas 15 por cento dos pais de crianças pequenas participavam igualmente dos cuidados com o bebê, e que só 11 por cento assumiam a responsabilidade principal». Mas minha hipótese aqui é que as condições objetivas de igualdade entre os sexos tendem a aumentar cada vez mais, logo, o mundo contemporâneo tende a caminhar na direção contrária a essa pesquisa. Cf. DRUCKERMAN, Pamela. *Crianças francesas não fazem manha*, op. cit., p. 184.
- 6 BUTLER, Judith. *Gender trouble: feminism and the subversion of identity*. Nova Iorque: Routledge, 2010. Edição Kindle. Parte 1, capítulo v.
- 7 Na verdade, Alexis Taborda não foi o primeiro transgênero F2M

- (*Female to Male*, isto é, de feminino para masculino) a engravidar. Nos EUA, os transgêneros Thomas Beatie, em 2012, e, antes dele, Matt Rice, já haviam engravidado — mas o caso de Alexis foi o que obteve maior repercussão midiática. As informações são dadas pela filósofa Beatriz Preciado (<http://lasdisidentes.com/2012/04/20/judith-butler-y-beatriz-preciado-en-entrevista-con-la-revista-tetu/>).
- 8 SOLOMON, Andrew. *Longe da árvore: pais, filhos e a busca da identidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. p. 810.
- 9 KEHL, M.R. «Em defesa da família tentacular». Em: GROENINGA, G.C.; PEREIRA, R.C. (Orgs.). *Direito de família e psicanálise: rumo a uma nova epistemologia*. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- 10 BUTLER, Judith, op. cit., parte 1, capítulo 11.
- 11 Idem.
- 12 Pela mesma razão, eu não deveria usar neste livro a palavra «parental», que, assim como «pais», toma o gênero masculino como base para a referência a ambos os sexos. Mas, nesse caso, não há substituto em português sem essa marca de dominação de gênero (note-se, de passagem, como a ideologia se mantém naturalizando-se na língua). Observo, ainda, que não estou questionando a própria categoria de sexo, questionamento, entretanto, fundamental para o campo da teoria do gênero, a partir das investigações de Foucault em sua *História da sexualidade*. Não o faço aqui para não complicar excessivamente as formulações.
- 13 DOLTO, Françoise. *Solidão*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. 16.
- 14 As noções de «mãe suficientemente boa» ou «mãe dedicada comum» designam a capacidade comum, não especializada, que as mães possuem de cuidar de seus bebês, bem como uma atenção e preocupação não exageradas, não desmedidos (um amor materno desmesurado pode ser nocivo tanto às mães quanto ao desenvolvimento dos filhos). Ver, por exemplo, o capítulo «A mãe dedicada

- comum», em: WINNICOTT, Donald. *Os bebês e suas mães*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.
- 15 WINNICOTT, Donald. *O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artmed, 1983. p. 44.
- 16 «Mãe é fato, mamãe é papel». DOLTO, Françoise, op. cit., p. 34.
- 17 BUTLER, Judith, op. cit., parte 3, capítulo 1.
- 18 Idem.
- 19 KEHL, M.R., op. cit., 2003.
- 20 Idem.
- 21 KEHL, M.R., op. cit., 2006.
- 22 Idem.
- 23 WINNICOTT, Donald, op. cit., p. 32.
- 24 ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 2012. p. 17.
- 25 Idem, p. 32.
- 26 Ibidem, p. 75.
- 27 Ibidem, p. 15.
- 28 Ibidem.
- 29 RAMOS, F.P. «A história trágico-marítima das crianças nas embarcações portuguesas do século XVI». Em: DEL PRIORE, M. (Org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 22.
- 30 Idem, pp. 25-26.
- 31 Ibidem, p. 27.
- 32 Ibidem, p. 42.
- 33 Ibidem, p. 20.
- 34 *Apud* ARIÈS, Philippe, op. cit., p. 22.
- 35 Idem.
- 36 Ibidem.
- 37 Ibidem, p. 191.
- 38 DEL PRIORE, M., op. cit., pp. 10-11.

- 39 Idem, p. 84.
- 40 MAUAD, A.M. «A vida das crianças de elite durante o Império». Em: DEL PRIORE, M., op. cit., p. 156.
- 41 Tratarei de algumas delas ao longo do livro, como a centralidade da figura da babá e a relação entre a entronização da criança e o laço social perverso.
- 42 ZELIZER, V.A. *Pricing the priceless child: the changing social value of children*. Princeton University Press, 1994. p. 10.
- 43 FREUD, Sigmund. «Sobre o narcisismo: uma introdução». Em: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, volume XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006. p. 96.
- 44 PROUST, Marcel. *Em busca do tempo perdido. Volume 5. A prisioneira*. São Paulo: Globo, 2011. p. 398.
- 45 SPINOZA. *Éthique*. Paris: Éditions du Seuil, 1999. Especialmente a parte III.
- 46 A palavra «imaginário» será invariavelmente empregada neste livro em seu sentido laciano, que por ela designa o campo do narcisismo (identificações, autoimagem do eu, rivalidades, etc.).
- 47 DOLTO, Françoise. *Quando os filhos precisam dos pais: respostas a consultas de pais com dificuldades na educação dos filhos*. São Paulo: Martins Fontes, 2008. p. 78.
- 48 WINNICOTT, Donald, op. cit., p. 34.
- 49 BARTHES, Roland. *Le plaisir du texte*. Paris: Éditions du Seuil, 2000, p. 108.
- 50 *Cadre* quer dizer estrutura, rotina, conjunto regular e estável de permissões, interdições, práticas, horários, etc. Cf. DRUCKERMAN, Pamela, op. cit., p. 13.
- 51 *Apud* DRUCKERMAN, Pamela, op. cit., p. 83.
- 52 GINNOTT, Haim. *Entre pais e filhos*. Editora Alegro, 2004.
- 53 Naturalmente, os relatos de «choque cultural» relativos à criação das crianças no Brasil remontam aos períodos imperial e colonial.

- É especialmente conhecido o caso da professora alemã Ina von Binzer, educadora em colégios particulares na corte imperial no fim do século XIX. Certa vez, diante da bagunça em sala, recorreu a um tradicional método alemão, ordenando as crianças a levantar e sentar rapidamente diversas vezes, humilhação rapidamente transformada em brincadeira pelas pequenas brasileiras. A professora concluiu: «é trabalho perdido». Cf. MAUAD, A.M. «A vida das crianças de elite durante o Império». Em: DEL PRIORE, M. (Org.), op. cit., p. 138.
- 54 CALLIGARIS, Contardo. *Hello Brasil! Notas de um psicanalista europeu viajando ao Brasil*. São Paulo: Escuta, 2000. p. 41.
- 55 Idem, p. 42.
- 56 Ibidem.
- 57 Ibidem, p. 45.
- 58 Ibidem, p. 46.
- 59 Ibidem, p. 48.
- 60 Ibidem.
- 61 Que remetem, por sua vez, no clássico romance de Machado de Assis, à relação entre a criança Brás Cubas, o «menino-diabo» e o moleque Prudêncio, habitualmente feito de cavalo pelo sinhozinho.
- 62 CALLIGARIS, Contardo, op. cit., p. 49.
- 63 DOLTO, Françoise. *Etapas decisivas da infância*. São Paulo: Martins Fontes, 2007. p. 55.
- 64 SENIOR, Jennifer. *All joy and no fun: the paradox of modern parenthood*. Nova Iorque: Harper Collins, 2014. pp. 12-13.
- 65 SENIOR, Jennifer, op. cit., pp. 26-27.
- 66 *Apud* SENIOR, Jennifer, op. cit., pp. 26-27.
- 67 Idem, p. 27.
- 68 PROUST, Marcel, op. cit., p. 346.
- 69 DELEUZE, Gilles. *L'abécédaire de Gilles Deleuze* (DVD). Éditions Montparnasse.

- 70 Idem.
- 71 KOJÈVE, Alexandre. *Introduction à la lecture de Hegel*. Paris: Gallimard, 1947. p. 13.
- 72 Idem.
- 73 BADIOU, Alain. *Éloge de l'amour*. Paris: Flammarion, 2009. p. 33.
- 74 Idem, p. 39.
- 75 PROUST, Marcel, op. cit., p. 82.
- 76 Idem, p. 83.
- 77 DRUCKERMAN, Pamela (op. cit., pp. 100-101) reporta, entretanto, uma pesquisa com bebês de 6 a 10 meses, que sugere já nessa idade o início de noções morais.
- 78 DOLTO, Françoise, op. cit. (2001), p. 75.
- 79 HONNETH, Axel. *Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais*. São Paulo: Ed. 34, 2003. p. 172.
- 80 Idem, p. 173.
- 81 GOMBRICH, E.H. *A história da arte*. Rio de Janeiro: LTC, 2013. p. 39.
- 82 ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985, Excurso I.
- 83 KEHL, M.R., op. cit., 2003.
- 84 Idem.
- 85 Ibidem.
- 86 ARIÈS, Philippe, op. cit., p. 22.
- 87 DEL PRIORE, M., op. cit., p. 84.
- 88 DRUCKERMAN, Pamela, op. cit., p. 93.
- 89 EPSTEIN, Joseph, op. cit., p. 182.
- 90 DRUCKERMAN, Pamela, op. cit., p. 93.
- 91 CALLIGARIS, Contardo, op. cit., p. 47.
- 92 ZELIZER, V.A. (op. cit.) mostra em detalhe a discussão a respeito da implantação da legislação americana sobre o trabalho infantil, entre as últimas décadas do século XIX e as primeiras do século XX. «Em 1995, o Brasil tinha aproximadamente oito milhões de crian-

- ças e adolescentes de cinco a dezessete anos trabalhando.» RIZZINI, Irma. «Pequenos trabalhadores do Brasil». Em: DEL PRIORE, M., op. cit., p. 380.
- 93 Personagem do clássico conto «O espelho».
- 94 *Apud* SENIOR, Jennifer, op. cit., pp. 244-245.
- 95 «De resto, quem morre são os outros».
- 96 DOLTO, Françoise, op. cit. (2008), p. 51.
- 97 DOLTO, Françoise, op. cit. (2001), p. 24.
- 98 TÜRCKE, Christoph. *Sociedade excitada*. Campinas: Unicamp, 2010.
- 99 DOLTO, Françoise, op. cit., p. 54.
- 100 Idem, op. cit., p. 52.
- 101 Ibidem, op. cit., p. 53.
- 102 *Grosso modo*, o conceito de «Antropoceno» (literalmente: era do homem) designa o período histórico em que a espécie humana, por sua ação sobre a Terra, se torna um agente geológico, interferindo nas condições ecossistêmicas.

AGRADECIMENTOS

A natureza deste livro é tal que devo separar meus agradecimentos em dois grupos: o das pessoas que têm participado da criação de meus filhos, e o das que participaram da criação deste texto.

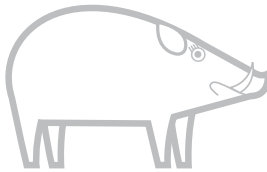
No primeiro grupo, agradeço especialmente à minha mãe e meu pai, Angela e João; à mãe de minha mulher, Sonia; e à minha madrinha, São.

Agradeço também à minha irmã, Julia, meu sogro, Helio, e meus cunhados, Francisco e Maria.

Agradeço ao meu amigo e pediatra de meus filhos, Daniel Becker.

E ainda a Val, Janaina e Lina.

No segundo grupo, agradeço a leitura, os comentários ou as indicações de Claudio Oliveira, Eduardo Heck de Sá, Frederico Coelho, Julia Bosco, Luisa Duarte, Maria Emilia Bender, Maria Rita Kehl, Pedro Duarte e, especialmente, Antonia Pellegrino e Isa Pessoa.



ORFEU DE BICICLETA
foi composto em caracteres Hoefler Text
e impresso pela Rainho & Neves, Artes Gráficas,
sobre papel Coral Book de 90 g,
em Junho de 2015.